

Memórias de infância: tessituras de uma aprendizagem amazônica

Rute Baia da Silva Ubagai

Belém, Pará, Brasil

rute.silva@iemci.ufpa.br

Mestre em Educação Matemáticas

Secretaria Estadual de Educação Seduc Pará

<https://orcid.org/0000-0001-6923-4217>

O Pórtico da Existência: Os primeiros anos

Escrevo com o corpo marcado pelas águas amazônicas e pela memória de um início que não foi silêncio, mas de luta. Essa história não começa nas estantes da biblioteca, nem na oficina de meu pai, mas nos corredores de azulejos brancos e ecos profundos da Santa Casa de Misericórdia de Belém. Ali, onde a vida e a finitude se encadeiam em um ritmo próprio, travei a primeira batalha pelo existir. Nascer naquela instituição secular marcou o percurso na métrica da sobrevivência.

A mãe, com a força de quem conhece o peso dos paneiros de açaí, lutou para que eu respirasse o primeiro ar. Naquele cenário, o tempo não era medido por relógios acadêmicos, mas pela pulsação de quem resiste. Eu era uma pequena unidade de vida em meio à estatística precária da saúde pública. Nesse primeiro "chão de escola" aprendi que habitar o mundo exige um esforço de coordenação, fôlego e insistência. Aquele nascimento-resistência prenunciava a pesquisadora que hoje se constitui: alguém que não aceita o conhecimento pronto, mas como conquista dos corredores e das margens.

Voltar a essa memória sob à sombra do Sankofa não é apenas um exercício acadêmico, é um imperativo ético, é reconhecer que o doutorado em Educação Matemática começou naquele primeiro choro, a primeira contagem de batimentos cardíacos, naquela vitória da vida sobre a escassez. Sou o fruto desse esforço coletivo numa trajetória que começou naquele hospital e hoje floresce na tese em construção. Aprendi que não é tabu voltar atrás para buscar o que esquecemos. E eu precisei voltar!



Se na mesa de casa a matemática tinha o cheiro do metal das moedas e o roxo denso do açaí, na biblioteca da Escola Alto Tocantins, em Tucuruí, ela se vestia de cores. Nos primeiros anos de escolarização, o recreio não era tempo de corrida no pátio, mas de uma pressa em direção às estantes. Ali, eu me tornava uma aprendiz de sinais. Mesmo sem dominar o código da língua escrita, eu já realizava uma leitura de mundo. Era atraída por capas e ilustrações que saltavam das páginas: as joaninhas com pintas negras, as borboletas e a simetria bilateral, os jacarés cujas escamas desenhavam padrões repetitivos, uma verdadeira progressão visual que a imaginação decifrava como música.

Havia ruídos naquelas páginas que a imaginação entendia; era a “sonoridade” das cores dialogando com a curiosidade. Essa experiência foi o primeiro laboratório de alfabetização matemática e linguística integrada. Ali, eu aprendia que a natureza tem uma ordem e que o livro a espelha. Se a bateadeira de açaí me dava a métrica do tempo e do lucro, os livros de figuras me davam a métrica da beleza e da forma. Tece-se assim as bases cognitivas da compreensão de que alfabetizar é, acima de tudo, permitir à criança encontrar o sentido entre o traço do desenho e a lógica do mundo.

A Carpintaria do Saber e a Matemática do Lucro

A segunda imagem de precisão veio das mãos do meu pai. Ele, carpinteiro por ofício e necessidade, manjava o esquadro com uma autoridade silenciosa. Na oficina, em meio ao pó de madeira, a matemática não era uma abstração; era a garantia de que a madeira não iria empenar, de que o abrigo seria seguro.

Na carpintaria, aprendi a geometria do respeito. Para o pai, a madeira tinha fibra, sentido e tempo. Não se vence a peça pela força, mas pela compreensão de sua natureza. Hoje, vejo que a aprendizagem da criança segue a mesma lógica. O educador deve ser como esse carpinteiro: alguém que olha para o saber inicial e não vê um erro, mas uma possibilidade. Se a prática educativa ignora a história de quem aprende, ela não constrói;



ela deforma. O “prumo” que herdei dele é a ética que sustenta a busca por uma educação que não “entorte” o sujeito, mas que o sustente em sua dignidade.

Enquanto meu pai lidava com a madeira, minha mãe lidava com a fluidez do açaí. O aroma roxo do fruto, que atravessava o rio em paneiros, era a métrica dos nossos dias. Base alimentar dos povos ribeirinhos, Nilson Chaves traduz em poesia “fruta santa, fruta mártir. Tens o dom de seres muito. Onde muitos não têm nada”. A mãe comprava os caroços do fruto de açaí “*in natura*” na beira do rio e ali acontecia uma das operações matemáticas mais complexas: a negociação em ambiente de incerteza. Disputar as melhores latas, vindas de ilhas de solo generoso, exigia uma análise de mercado. Aquela “beira” era uma aula de estatística intuitiva. O saber da bateadeira de açaí é tecnologia, patrimônio é ciência viva.

Ao final do dia, o balcão da bateadeira dava lugar à mesa de casa. Mamãe dizia: “Rute, conte as de dez!”, e meus irmãos se debruçavam sobre as de cinco. Éramos quatro pequenos contadores auxiliando na gestão de fluxo de caixa. O dinheiro, com cheiro de metal e óleo diesel das rabetas, era dividido em montes: o capital para as latas de amanhã, as despesas da casa e o “lucro”.

Diferente da matemática escolar que exige o registro escrito simbólico ($R\$10 + R\$10 = R\$ 20$), ali vivenciamos a Etnomatemática que valoriza a oralidade e os registros pictóricos e revelação de um modelo mental baseado na experiência vivida, que é o ponto de partida para qualquer aprendizagem real. Nessa matemática da sobrevivência, o lucro não era uma constante, mas uma variável. Aprendíamos que a economia não era sobre números, mas sobre a capacidade de prever o invisível. Essa contagem coletiva era nossa alfabetização matemática e social. Aprendíamos que o “lucro” era a medida da nossa segurança, uma lição que a escola, em sua rigidez, raramente ousa validar.

A "Barriga" e a "Barrica": O erro como evidência de vida

Nos tempos de alfabetização, um ditado escolar marcou essa trajetória: a professora pedia "barrica", mas minha mão, guiada pela vida, escreveu "barriga". O riso da sala, cortante e apático, ignorava que, em minha casa, a "barriga" era o motor da nossa existência. Aquela suposta falha ortográfica era, na verdade, uma profunda fidelidade à minha prática social. Hoje, compreendo que negar a "barriga" da criança é negar o seu direito de pensar a partir de onde seus pés pisam.

Aquele meu "erro", portanto, carecia menos de um corretor e mais de um educador com a "coragem de amar", como nos ensina Paulo Freire (1996) ao afirmar que é impossível ensinar sem essa capacidade de bem querer aos educandos. Esse bem querer, presente no rigor do prumo de meu pai e no ritmo da bateadeira de minha mãe, era o que dava sabor e estrutura ao conhecimento genuíno.

Entendo, enfim, que a alfabetização na língua materna e na linguagem matemática residem na mesma necessidade humana de dar ordem e sentido ao mundo. Sob essa ótica, o triunfo sobre a Matemática deixa de ser apenas um êxito escolar para se tornar um ato de justiça social. Tornei-me a pesquisadora que humaniza os números justamente por conhecer o frio do silenciamento que eles podem causar quando despidos de afeto e território.

Concluindo

O que eu diria a essa menina hoje, agora que o título de doutoranda em Educação Matemática e o ofício da alfabetização se entrelaçam? Diria que aprender é, antes de tudo, um ato de reconhecimento. A Etnomatemática, como nos ensina D'Ambrosio (2001), não é sobre "outra" matemática, mas sobre a dignidade do olhar humano sobre a realidade. É o matema (explicar, entender) de cada etno (grupo cultural) através de suas próprias ticas (técnicas). A infância foi o meu primeiro laboratório etnomatemático, embora a escola da época tentasse me convencer do contrário.



Quando alguém percebe que o saber de casa — o preço da lata, o grau de inclinação da ripa, o padrão da borboleta no livro — é ciência legítima, as barreiras da desigualdade cedem. Alfabetizar, na língua materna e na linguagem matemática é garantir o direito de ler a si mesmo. Ainda me pergunto, no silêncio das noites em Belém: de que forma garantir que a potência desse encontro chegue a todas as escolas? A resposta está no diálogo, na afetividade e na inclusão. Continuar unindo o trauma ao saber, a margem ao centro, e a "barriga" de ontem à justiça social que hoje nos alimenta.

Nesse contínuo vir-a-ser, posiciono-me como a voz que transita entre os saberes e fazeres da oficina e do rio até a formalidade do livro, mediando uma educação que, à semelhança do açaí se consagra enquanto força, sustento e território de liberdade.

Referências

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Tendências em Educação Matemática).

CHAVES, Nilson. *Açaí*. In: Nonato, J.; Chaves, N. CD: Amazônia. Belém: Independente, 1994.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. SP: Paz e Terra, 1996.

SOLIGO, Rosaura. *Alfabetização e Letramento: Questões conceituais e metodológicas*. In: Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos Iniciais. Brasília, 2008.

ZEICHNER, Kenneth M. *A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.



Memórias de infância: tessituras de uma aprendizagem amazônica

Childhood memories: weavings of an amazonian learning

Memorias de infancia: tejeduras de un aprendizaje amazónico

Resumo

Partimos do diálogo sensível entre memórias de infância da autora na Amazônia paraense e pilares da Etnomatemática e da Educação Matemática Crítica. A narrativa autoetnográfica inicia na Santa Casa de Misericórdia em Belém e segue como ato de persistência existencial frente à escassez. Tratamos da "carpintaria do saber" paterna e do "processamento do açaí" materno, tomados como matrizes de uma ciência orgânica e territorializada. A matemática manifesta-se sob a ótica do prumo, precisão técnica e gestão de incertezas. Validar território e afeto, cumpre na educação o papel ético-político de garantir o direito de ler a si próprio e ao mundo com dignidade.

Palavras-chave: Etnomatemática. Memórias de Infância. Alfabetização. Narrativa. Afetividade.

Abstract

We start from a sensitive dialogue between the author's childhood memories in the Pará Amazon and the pillars of Ethnomathematics and Critical Mathematics Education. The autoethnographic narrative begins at the Santa Casa de Misericórdia in Belém and continues as an act of existential persistence in the face of scarcity. We address the paternal "carpentry of knowledge" and the maternal "açaí processing," taken as matrices of an organic and territorialized science. Mathematics manifests itself through the perspective of the plumb line, technical precision, and the management of uncertainties. Validating territory and affection fulfills an ethical-political role in education: ensuring the right to read oneself and the world with dignity.

Keywords: Ethnomathematics. Childhood Memories. Literacy. Narrative. Affectivity

Resumen

Partimos del diálogo sensible entre las memorias de infancia de la autora en la Amazonía paraense y los pilares de la Etnomatemática y de la Educación Matemática Crítica. La narrativa autoetnográfica se inicia en la Santa Casa de Misericordia en Belém y continúa como un acto de persistencia existencial frente a la escasez. Abordamos la "carpintería del saber" paterna y el "procesamiento del açaí" materno, tomados como matrizes de una ciencia orgánica y territorializada. La matemática se manifiesta bajo la óptica de la plomada, la precisión técnica y la gestión de incertidumbres. Validar el territorio y el afecto cumple, en la educación, el papel ético-político de garantizar el derecho de leerse a sí mismo y al mundo con dignidad.

Palabras clave: Etnomatemática. Memorias de Infancia. Alfabetización. Narrativa. Afectividad.